



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

**PREGANDO VULNERABILIDADE:  
A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO, A ÉTICA DO CUIDADO  
E A PREGAÇÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO E LATINO-AMERICANO**

*Preaching vulnerability: theology of liberation,  
care and preaching in the Brazilian and Latin American context<sup>1</sup>*

**Júlio César Adam<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo reflete sobre a relação entre pregação e a vulnerabilidade no contexto latino-americano. Reflete-se num primeiro momento sobre o termo vulnerabilidade com base nas considerações de Sturla Stalsett. Num segundo momento, relaciona-se vulnerabilidade com a teologia da libertação e, especificamente, a ética do cuidado de Leonardo Boff, para, então, num terceiro momento, lançar algumas ideias sobre os desafios da pregação cristã, vulnerabilidade e cuidado.

**Palavras-chave:** Pregação cristã. Vulnerabilidade. Ética do cuidado. Teologia latino-americana.

**Abstract:** The aim of this article is to think about the relationship between preaching and vulnerability in Latin American context. Initially this thinking concerns the term vulnerability based on Sturla Stalsett's ideas. At a second moment, vulnerability is related to liberation theology and, specifically, to Leonardo Boff's ethics of care. At a third moment, the article raises some ideas on the challenges of Christian preaching, vulnerability and care.

**Keywords:** Christian preaching. Vulnerability. Ethics of care. Latin American Theology.

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 24 de setembro de 2014 e aprovado em 10 de outubro de 2014 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia, pastor da IECLB e professor na Faculdades EST, São Leopoldo/RS, Brasil. Pesquisador da Capes e Fapergs. Contato: julioadam@est.edu.br

## Introdução

Este artigo foi escrito com o objetivo de ser apresentado na 11<sup>a</sup>. Conferência Internacional da *Societas Homiletica*<sup>3</sup>, na Índia, em julho de 2014. Inspirado no tema da conferência “*Preaching Vulnerability: Naming and Neglecting Reality*”, o artigo reflete sobre a relação entre pregação cristã e a vulnerabilidade no contexto latino-americano. O texto se organiza da seguinte forma: num primeiro momento, reflete sobre o termo vulnerabilidade com base nas considerações do teólogo norueguês Sturla Stalsett. Num segundo momento, relaciona-se o conceito de vulnerabilidade com a teologia da libertação e, especificamente, a ética do cuidado de Leonardo Boff, para, então, num terceiro momento, lançar algumas ideias sobre os desafios da pregação cristã, vulnerabilidade e cuidado.

## A vulnerabilidade como ameaça e força

Vulnerabilidade foi o termo-chave da conferência, em Madurai, Índia. Com esse termo pretendia-se incluir a realidade de vulnerabilidade humana, da Índia e dos diferentes contextos então representados, como realidade a partir da qual e para a qual se prega. Como membro do conselho da *Societas Homiletica*, o autor deste artigo participou do processo de construção desse tema da conferência. O tema “*Preaching vulnerability: naming and neglecting reality*”, surge da constatação de que maior ainda que o problema da própria vulnerabilidade social é a negligência em relação a ela, a situação de invisibilidade que a submetemos na pregação cristã.

Vulnerabilidade não é um bom conceito apenas para a Índia. Vulnerabilidade é um bom conceito para definir a vida no contexto brasileiro e latino-americano. De forma geral, vive-se nesse contexto uma situação endêmica de vulnerabilidade social, nos mais de 500 anos de nossa história. Da chegada dos portugueses e espanhóis até a atual economia de mercado, somos marcados por vulnerabilidades. Podemos dizer que nos constituímos na vulnerabilidade.

Vulnerabilidade é um termo atual, muito usado para se referir às pessoas em situação de extrema pobreza e exclusão social no contexto latino-americano. Por vulneráveis entendem-se aquelas pessoas as quais a teologia da libertação chamou de “pobres” e que mais tarde vieram a ser chamadas de empobrecidas, as pessoas tornadas pobres e excluídas. Vulneráveis são, pois, todas aquelas pessoas privadas de meios, recursos e condições para ter uma vida digna e justa. São pessoas que vivem e sobrevivem na falta de algo elementar para a vida, aquilo que Lutero considera o pão de cada dia<sup>4</sup>, como a falta de moradia, saneamento básico, meios de transporte e deslocamento, acesso aos meios de manutenção e prevenção da saúde, alimentação necessária e adequada, educação básica, lazer.

---

<sup>3</sup> A respeito da *Societas Homiletica* e a 11<sup>a</sup>. Conferência de Madurai, confira no site <<http://www.societas-homiletica.org/upcoming/>>.

<sup>4</sup> LUTERO, Martinho. *Os catecismos*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1983. p. 374.

Vulnerabilidade social significa também estar exposto a situações sociais de risco, como a proximidade com as drogas, o tráfico, a violência urbana. Vulnerabilidade envolve ainda situações mais sutis, e não menos agressivas, como discriminação de gênero, raça e crença, no dia a dia e na cultura em geral. Vulnerabilidade é, portanto, algo muito real e presente no contexto latino-americano. Vulnerabilidade faz parte do dia a dia.

Mas não apenas os excluídos, empobrecidos e discriminados podem ser enquadrados como vulneráveis. Também as elites abastadas do contexto acabam se tornando vulneráveis. Muitas vezes, inclusive, aqueles em situação de exclusão, os vulneráveis, são acusados pela vulnerabilidade daqueles que têm livre e amplo acesso aos bens de consumo e às condições sociais dignas. No caso da violência urbana, é um exemplo típico. Ou seja, o mesmo sistema que gera e mantém pessoas em situação de vulnerabilidade culpabiliza os vulneráveis pelo risco de vulnerabilizar os detentores de poder e recursos sociais. Nessa situação, a vulnerabilidade é vista como ameaça e resolver a vulnerabilidade dos excluídos expressa também o desejo de superar a vulnerabilidade dos que não estão excluídos do sistema. A segurança vira sinônimo de uma vida sem vulnerabilidade.

Mas haveria esse estado de superação total da vulnerabilidade? Mesmo que superássemos toda a vulnerabilidade social e cultura do contexto latino-americano, viveríamos ainda em situação de vulnerabilidade. A violência, nas suas mais diferentes formas, p. ex. a violência no trânsito, o risco das doenças de toda sorte, as ameaças decorrentes da crise ecológica, a perda de pessoas, o fim de relacionamentos, são situações que nos colocam sempre em uma situação de vulnerabilidade.

Sem relativizar a realidade de vulnerabilidade e injustiça social a que milhões de pessoas estão submetidas, é necessário dar-se conta de que a vulnerabilidade é parte constitutiva da natureza humana. A partir dessa perspectiva, o teólogo norueguês Sturla J. Stalsett nos leva a pensá-la numa dimensão muito mais abrangente e interessante. Para ele, na vulnerabilidade, mais do que o risco, encontra-se uma potencialidade.

Normalmente, por vulnerabilidad se entiende una debilidad, una fragilidad. Con buena razón. Vulnerabilidad significa capacidad de ser herido. Nadie quiere ser herido. Por lo tanto, el otro lado de la vulnerabilidad es *derecho* a la protección y necesidad de seguridad en sentido amplio.<sup>5</sup>

E mais do que sua pretendida superação, Stalsett vê a vulnerabilidade como aquilo que nos faz humanos.

Cuando se entiende exclusivamente así, la búsqueda de la eliminación de la vulnerabilidad humana lleva a una preocupación excesiva con seguridad, que pueda tener consecuencias deshumanizantes. Esto es porque vulnerabilidad en el sentido profundo es una característica humana indeleble y constituyente. Ser humano es ser vulnerable. Un

---

<sup>5</sup> STALSETT, Sturla J. Vulnerabilidad, dignidade y justicia. In: ENCUENTRO INTERNACIONAL “Las dimensiones éticas del desarrollo”, Belo Horizonte, 2003. p. 5s.

ser invulnerável seria um ser inhumano. Sem vulnerabilidade humana, nenhum ser humano. Vulnerabilidade é condição antropológica fundamental, e por isso imborrável.<sup>6</sup>

Não somos super-heróis<sup>7</sup>, nem Deus. O reconhecimento da vulnerabilidade favorece uma ética que de fato considera e parte do outro.

Este pressuposto antropológico tem consequências éticas. Porque a vulnerabilidade humana também significa abertura para o Outro. É o fundamento de sensibilidade, compaixão e comunidade. Sem vulnerabilidade humana, ou mais bem, sem reconhecimento da vulnerabilidade própria, não há condições para reconhecer a vulnerabilidade do outro e a demanda ética que apresenta. Sem vulnerabilidade, nenhum reconhecimento do desafio ético.<sup>8</sup>

O autor leva-nos a entender, assim, que somente a pessoa vulnerável pode amar.<sup>9</sup> A vulnerabilidade coloca-nos em uma situação de interdependência.<sup>10</sup> Isso nos leva quase que automaticamente a olhar a vulnerabilidade a partir da fé cristã. A fé cristã nasce a partir de um Deus que se faz vulnerável<sup>11</sup>, em Jesus Cristo. Conhecido é o pensamento de Paulo que diz: [...] o poder se aperfeiçoa na fraqueza (2Co 12.9). A vulnerabilidade torna-nos carentes da graça de Deus, interdependentes uns dos outros na comunidade.

Stalsett chama a atenção ainda para o risco de idealização da vulnerabilidade. Em sua reflexão sobre o tema, diz que dignidade e justiça complementam a vulnerabilidade. Ou seja, a fé que nasce a partir do Deus vulnerável não quer nos acomodar. A vulnerabilidade de Deus, a cruz, é também sinal de protesto contra toda forma de injustiça e morte a que submetemos pessoas e a que estamos submetidos. Fé que nasce da vulnerabilidade convoca-nos à esperança da justiça e da dignidade para todas as pessoas.

Essa reflexão de Stalsett leva-nos a pensar a própria pregação como uma pregação vulnerável. Sobre isso tratarei no último ponto deste texto.

## **A teologia da libertação (TdL) e a ética do cuidado**

A situação de vulnerabilidade social e estrutural que caracteriza a vida no contexto latino-americano nos leva também a olhar para o desenvolvimento teológico ocorrido nesse contexto. A partir de meados da década de 1960, a chamada teologia

---

<sup>6</sup> STALSETT, 2003, p. 6.

<sup>7</sup> Suspeito que os tantos filmes de super-heróis que ocupam as salas de cinema na atualidade expressam exatamente o desejo humano de ser invulnerável, ser como deus!

<sup>8</sup> STALSETT, 2003, p. 6.

<sup>9</sup> STALSETT, Sturla J. Um outro mundo – presente. Apontamentos sobre religião e poder político. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 361.

<sup>10</sup> STALSETT, 2006, p. 359.

<sup>11</sup> STALSETT, 2006, p. 361.

da libertação (TdL) surge como uma forma clara de nomear a realidade e denunciar a vulnerabilidade histórica e estrutural do contexto.

Inspirada dentre outras nas teologias da esperança (J. Moltmann) e na teologia política (J. B. Metz), e gestada na Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM) da Igreja Católica, em Medellín e Puebla, a TdL nasce como opção pelos pobres, propondo uma teologia claramente voltada para o contexto de vulnerabilidade. Em meio a um contexto de ditaduras militares articuladas contra organizações populares e de esquerda política, a TdL elabora uma nova cristologia, que consequentemente vai gerar uma nova eclesiologia, as comunidades eclesiais de base (CEBs)<sup>12</sup>, onde a práxis de libertação e o método ver-julgar-agir provocariam grandes mudanças na sociedade, principalmente na igreja e na própria teologia. Jesus Cristo é encontrado no rosto do pobre. Consequentemente sua igreja é uma igreja que se faz povo, a igreja dos pobres, uma igreja incorporada na vida dos pobres. A TdL nasce, pois, em meio à vulnerabilidade quase absoluta e constrói alternativas de mudança no empoderamento dos vulneráveis, dos pobres. Aqui vemos a força da vulnerabilidade, apontada por Stalsett acima.

A TdL, mais que uma teologia (pensamento), atua (prática) com um motor de transformação social, política e eclesial. Ao longo de décadas de sua articulação, muita vulnerabilidade foi denunciada e concretas alternativas foram construídas em meio às vulnerabilidades. Nas últimas décadas, a TdL abre-se para novas formas de libertação, como as questões de gênero, indígena, dos afrodescendentes, do pluralismo religioso, assumindo a nomenclatura plural de *teologias latino-americanas da libertação*.

E mesmo com todo esse desenvolvimento, a realidade de vulnerabilidade continua fazendo parte do nosso cenário. Ou seja, a própria TdL se confronta com sua vulnerabilidade. Brinca-se dizendo: a TdL pregava a imanente-transcendente vinda do reino de Deus, mas o que veio concretamente foi o pentecostalismo, o carismatismo, a igreja midiática, a teologia da prosperidade, o consumo religioso e o fundamentalismo.

No limiar do século 21, o teólogo da libertação Leonardo Boff<sup>13</sup> traz uma nova dimensão, um novo paradigma para dentro da TdL: a dimensão do cuidado como princípio ético e humano. A meu ver, a vulnerabilidade (no sentido que Stalsett nos propõe) acaba sendo assumida por Boff em sua ética do cuidado. Sem abandonar a perspectiva política, sua proposta volta-se para a natureza e a condição humana, assumindo a vulnerabilidade humana e planetária como algo constitutivo para uma nova práxis ética e um novo paradigma teológico. Segundo Boff, “o cuidado serve de

---

<sup>12</sup> Sobre as CEBs ver: TEIXEIRA, Faustino L. C. *A gênese das CEBs no Brasil*: elementos explicativos. São Paulo: Paulinas, 1988.

<sup>13</sup> Leonardo Boff, monge franciscano, considerado um dos pais da teologia da libertação, foi expulso pelo Vaticano na década de 1980 principalmente por causa do seu livro “Igreja, Carisma e Poder”, onde manifesta sua teologia de cunho político e, principalmente, faz duras críticas ao poder da igreja. O próprio Boff se vê em uma situação de vulnerabilidade.

crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade”<sup>14</sup>.

No ano de 1999, Boff publica seu livro “Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra”<sup>15</sup>, uma coletânea de vários estudos sobre o tema. No início de seu livro, Boff constata o fracasso do mundo contemporâneo baseado no crescimento econômico e no avanço da técnica. Segundo ele, na atual confusão de episódios racionalistas e técnicos, perdemos de vista e nos despreocupamos do ser humano. Esse descuido se manifesta de muitas formas: no descaso pelas crianças, pelo destino dos pobres, pela sorte dos desempregados, no abandono dos sonhos de generosidade em nome do individualismo e do acúmulo, abandono crescente da sociabilidade nas cidades, descuido pela dimensão espiritual do ser humano, descaso pela coisa pública, abandono da reverência, indispensável para cuidar da vida e de sua fragilidade, e um descuido na salvaguarda do planeta terra.<sup>16</sup> Vemos assim o quanto a proposta do “saber cuidar” é abrangente, sem deixar de ser concreta.

Diante do que Boff chama de fracasso civilizacional, ele fala dos “remédios insuficientes”. A religião, a moral, os bons costumes, a educação, a filosofia materialista, por si só, não são capazes de propor um novo caminho. Se o cuidado, como essência humana, como uma nova redefinição do ser humano, não for tomado como nova ótica, novo *ethos*<sup>17</sup> civilizacional, pouco ou nada muda. Ao fracasso humano Boff contrapõe a redescoberta do afetivo, do sentimento e do humano, na construção do mundo. Ou seja, a via da vulnerabilidade como única alternativa viável.

Há algo nos seres humanos que não se encontra nas máquinas, surgido há milhões de anos no processo evolutivo quando emergiram os mamíferos, dentro cuja espécie nos inscrevemos: o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-se afetado.<sup>18</sup>

Construímos o mundo a partir da vulnerabilidade de laços afetivos, como uma atitude essencial.

Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro [...] Quando dizemos, por exemplo: “nós cuidamos bem de nossa casa”, subentendemos múltiplos atos como: preocupamo-nos com as pessoas que nela habitam dando-lhes atenção, garantindo-lhes as provisões e interessando-nos com o seu bem-estar. Cuidamos da aura boa que deve

<sup>14</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 13.

<sup>15</sup> BOFF, 2003.

<sup>16</sup> BOFF, 2003, p. 18ss.

<sup>17</sup> “Quando falamos de *ethos*, queremos expressar o conjunto de valores, princípios e inspirações que dão origem a atos e atitudes (as várias morais) que conformarão o habitat comum e a nova sociedade nascente.” BOFF, 2003, p. 38s.

<sup>18</sup> BOFF, 2003, p. 99.

inundar cada cômodo, o quarto, a sala e a cozinha. Zelamos pelas relações de amizade com os vizinhos e de calor com os hóspedes. Desvelamo-nos para que a casa seja um lugar de benquerença deixando saudades quando partimos e despertando alegria quando voltamos. Alimentamos uma atitude geral de diligência pelo estado físico da casa, pelo terreno e pelo jardim. Ocupamo-nos do gato e do cachorro, dos peixes e dos pássaros que povoam nossas árvores. Tudo isso pertence à atitude do cuidado material, pessoal, social ecológico e espiritual da casa.<sup>19</sup>

Essa mesma atitude para com a nossa casa deveria corresponder a uma ética do cuidado para com a nossa grande casa, o planeta, o país, a região, a cidade, o bairro, a vizinhança, como algo essencial e ontológico. “Não se trata de pensar e falar *sobre* o cuidado como objeto independente de nós. Mas de pensar e falar *a partir* do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Não *temos* cuidado. *Somos* cuidado.”<sup>20</sup>

A ética do cuidado significa uma recusa a todo despotismo e dominação. Significa impor limites à obsessão pela eficácia a qualquer custo. Significa organizar o trabalho em sintonia com a natureza, seus ritmos e suas indicações. Significa respeitar a comunhão que todas as coisas entretêm entre si e conosco. Significa colocar o interesse coletivo da sociedade, da comunidade biótica e terrenal acima dos interesses exclusivamente humanos. Essa ética do saber cuidar Boff desdobra em dez aspectos.

1. Cuidado com o nosso único planeta: Para cuidar do planeta precisamos todos passar por uma alfabetização ecológica e rever nossos hábitos. Construir uma sociedade sustentável significa respeitar a comunidade dos seres vivos, melhorar a qualidade da vida humana, conservar a vitalidade e a diversidade da terra, permitir que as comunidades cuidem de seu próprio meio ambiente, construir uma aliança global de cuidado.<sup>21</sup>

2. Cuidado com o próprio nicho ecológico: O cuidado com a terra representa o global. O cuidado com o próprio nicho ecológico representa o local. Saber cuidar significa conhecer os irmãos e irmãs que compartilham da mesma atmosfera, da mesma paisagem, do mesmo solo, dos mesmos mananciais. Saber cuidar do nicho ecológico é conhecer as histórias das nossas paisagens, visitar rios e montanhas, ruas, parques, conhecer a história da população que aqui vive, suas sagas, como construiu seu habitat, como trabalhou a natureza, como a conservou ou depredou, quem são seus poetas, heróis, santos e santas, pais e mães.<sup>22</sup>

3. Cuidado com a sociedade sustentável: Somos uma espécie que se mostra capaz de oprimir e massacrar seus próprios irmãos e irmãs da forma mais cruel e sem piedade já vista. Só no século XX massacraramos cerca de 200 milhões de pessoas. Qualquer desenvolvimento deve ter o ser humano, sua comunidade e os demais seres vivos como parâmetro e limite. O ser humano precisa desenvolver-se de modo inte-

---

<sup>19</sup> BOFF, 2003, p. 33.

<sup>20</sup> BOFF, 2003, p. 89.

<sup>21</sup> BOFF, 2003, p. 133ss.

<sup>22</sup> BOFF, 2003, p. 135s.

gral e digno, nas dimensões econômica, social, cultural, política, psicológica e espiritual. A convivialidade precisa ser um bem alcançado e garantido.<sup>23</sup>

4. Cuidado com o outro, *animus* e *anima*: O rosto possui um olhar e uma irradiação da qual ninguém pode se subtrair. O rosto e o olhar lançam sempre uma proposta em busca de uma resposta. Nasce assim a responsabilidade e a obrigatoriedade de dar respostas. Aqui encontramos o lugar do nascimento da ética, que reside nessa relação de responsabilidade diante do rosto do outro, particularmente do outro que é o mais pobre.<sup>24</sup>

5. Cuidado com os pobres, oprimidos e excluídos: A consolidação de uma sociedade mundial globalizada e o surgimento de um novo paradigma civilizacional passa pelo cuidado com os pobres e marginalizados. Cuidar aqui é muito mais do que simples estratégia assistencialista. A libertação dos pobres provém deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação e se organizam na transformação desta realidade. Da margem do sistema deve surgir um novo mundo possível, onde se supera a exploração humana e a espoliação da terra.<sup>25</sup>

6. Cuidado com o nosso corpo na saúde e na doença: “Cuidar do corpo de alguém é prestar atenção ao sopro que o anima” (Mestre do Espírito). O corpo é nossa memória mais arcaica, pois em seu todo e em cada uma de suas partes guarda informações do longo processo evolutivo. Cuidar do corpo é cuidar do conjunto das relações com a realidade circundante, higiene, alimentação, ar, vestir, organização da casa e espaço ecológico. Para o autor, saúde não é um estado, mas um processo permanente de busca de equilíbrio dinâmico de todos os fatores que compõem a vida. Ser saudável significa realizar um sentido de vida que englobe a saúde, a doença e a morte.<sup>26</sup>

7. Cuidado com a cura integral do ser humano: A cura acontece quando se cria um novo equilíbrio humano. Boff reflete que, em Epidauro, as curas eram processadas de forma holística, através de métodos diferenciados: pela dança, música (odeón), ginástica (ginásio e estádio), poesia (teatro e biblioteca), ritos e sono sagrado (abatón). Tudo contribuía em Epidauro para a real existência de uma “mente sã num corpo são”<sup>27</sup>.

8. Cuidado com a nossa alma, os anjos e os demônios interiores: A alma, à semelhança do corpo, representa a totalidade do humano, na medida em que ele é um ser vivo com interioridade e subjetividade. Cuidar da alma significa falar de liberdade e responsabilidade. Temos sempre a liberdade de cultivar anjos ou demônios interiores, ou manter o equilíbrio entre eles. Cuidar da alma é cuidar dos sentimentos, dos sonhos, dos desejos, das paixões contraditórias, do imaginário, das visões e utopias.<sup>28</sup>

9. Cuidado com o nosso espírito, os grandes sonhos de Deus: Cuidar do espírito é dar respostas a nossas perguntas mais existenciais e, conseqüentemente, nossa

---

<sup>23</sup> BOFF, 2003, p. 136ss.

<sup>24</sup> BOFF, 2003, p. 139s.

<sup>25</sup> BOFF, 2003, p. 140ss.

<sup>26</sup> BOFF, 2003, p. 142ss.

<sup>27</sup> BOFF, 2003, p. 145ss.

<sup>28</sup> BOFF, 2003, p. 147ss.



relação com o ser absoluto, Deus. Significa criar sentidos, mitos e símbolos que expressem o que não temos como expressar. O ser humano chama essa suprema realidade na forma de uma presença que o acompanha e o ajuda a discernir o bem e o mal. Cuidar do espírito é ter esperança. O cuidado do espírito é a raiz do que chamamos espiritualidade e significa cuidar dos valores que dão rumo à nossa vida e das significações que geram esperança para além da morte.<sup>29</sup>

10. Cuidado com a grande travessia, a morte. Na ânsia de viver e viver intensamente, não há mais lugar para a morte e o morrer em nossas vidas, mesmo que dezenas de pessoas morram ao nosso redor, todos os dias. Vemos a morte à distância, nos jornais e na TV. É a morte do outro. Ousamos desconectar a morte como parte integrante da própria vida. Para nós cristãos, a morte é uma travessia para a vida com Deus. Só podemos entender e valorizar a vida partindo da morte.<sup>30</sup>

## **Pregando vulnerabilidade e cuidado: uma conclusão**

Considerando os dois pontos acima apresentados, a vulnerabilidade como ameaça e força, a teologia da libertação e a ética do cuidado, propõem-se, neste último ponto, algumas ideias e impulsos para a pregação cristã na vulnerabilidade do contexto latino-americano e brasileiro.

– **Uma pregação que se reconhece vulnerável:** Pregar vulnerabilidade significa reconhecer a própria pregação como também vulnerável. Sabemos todos que prédica como meio de comunicação, em um contexto de mediatização como o que vivemos hoje, é um meio extremamente limitado. Também em seu formato retórico, a prédica clássica, aquela dirigida por uma pessoa, a partir de um texto teológico elaborado com zelo exegético e hermenêutico, desde o púlpito, no culto dominical, encontra-se em franca desvantagem frente a outros formatos de discurso e, no caso da América Latina, de outras formas de pregação, das igrejas mediatizadas por exemplo. Da mesma forma, o/a pregador/a, como pessoa, em um tempo de crise de autoridade, encontra-se em uma situação bastante vulnerável. A própria Escritura, fundamento para a Palavra de Deus, enquanto conjunto de livros diverso e plural, carrega em si divergências e contradições<sup>31</sup>, torna-se também ela algo vulnerável. Por fim, o próprio Deus que pregamos é um Deus vulnerável, como vimos acima.

Ou seja, a pregação da igreja é pura vulnerabilidade e mesmo assim ela é Palavra de Deus, que cria vida e transforma o mundo. Justamente na vulnerabilidade reside sua força, pois na sua vulnerabilidade ela se encontra com a vulnerabilidade da vida. Segundo Stalsett, diante da realidade e da situação de vulnerabilidade, o papel da religião e da teologia é oferecer seus próprios recursos, os recursos simbólicos.

---

<sup>29</sup> BOFF, 2003, p. 149ss.

<sup>30</sup> BOFF, 2003, p. 152ss.

<sup>31</sup> JAGESSAR, Michael N.; BURNS, Stephen. *Christian Worship: Postcolonial Perspectives*. Sheffield; Oakville: Equinox, 2011. p. 71s.

O papel da religião ou da teologia seria, com seus próprios recursos – recursos simbólicos, de interpretação, de linguagem, de fé e de prática, de celebração de luta – simplesmente, ajudar para que tal força da vulnerabilidade se faça presente na política de maneiras múltiplas e possíveis. Isso nos mostra o carácter do poder político da teologia/religião: é um poder “suave”, um poder simbólico no sentido de que atua por meio da produção e transmissão de sentido.<sup>32</sup>

– **Uma pregação assumidamente política:** Pregiar na vulnerabilidade no contexto latino-americano significa reconhecer a necessidade de uma prédica política. Não há pregação que não seja política, como diz Ione Buyst: “Nenhuma celebração litúrgica é ‘neutra’ politicamente falando: sempre traz em seu bojo uma proposta para a vida em sociedade e, numa sociedade rachada entre ricos e pobres, sempre fará opção para apoiar um dos lados”<sup>33</sup>. A pregação precisa portanto ser assumidamente política, optando pela causa da vulnerabilidade. A pregação política nomeia a realidade negligenciada, esquecida e marginalizada, torna visível os invisibilizados e ausentes<sup>34</sup>, como todos os desafios e riscos que isso implica. Uma pregação assumidamente política torna presente aquelas pessoas ausentes. “É uma tarefa paradoxal porque implica tornar presentes, na estrutura política, aqueles e aquelas que hoje são excluídos(as) e promover, nessa estrutura e através dela, valores que hoje são esquecidos ou reprimidos nela.”<sup>35</sup> A pregação tem essa força suave e discreta de nomear os vulneráveis. A partir dela, a pregação pode desencadear e articular a criação de espaços de reflexão e luta para além do púlpito.

A pregação política é também uma pregação utópica, carregada de esperança e cura. Aponta para a ressurreição e para o Reino de justiça, paz e dignidade.

– **Uma pregação como palavra compartilhada:** A TdL conseguiu, através das comunidades eclesiais de base (CEBs) e a leitura popular da Bíblia, permitir que a pregação da Palavra se desse de forma compartilhada, dialogada. Pregiar na vulnerabilidade deveria retomar esse exercício de diálogo em torno da Palavra. Na vulnerabilidade, todas as pessoas são convocadas a expressar suas ideias, seus medos e seus sonhos e assim articular e articular-se como *viva vox Evangelii*<sup>36</sup>. A própria pregação se reinventa em sua forma e formato, articulando algo do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes (Lutero), talvez algo da chamada teologia laica, na qual a espiritualidade humana vem antes que o “sistema” religioso.<sup>37</sup> Boff reforça essa necessidade de uma pregação compartilhada.

<sup>32</sup> STALSETT, 2006, p. 360s.

<sup>33</sup> BUYST, Ione. Teologia e liturgia na perspectiva da América Latina. In: FAVRETO, C.; RAMPON, Ivanir A. (Orgs.). *Eu sou o que sou*. Passo Fundo: Berthier, 2008. p. 60.

<sup>34</sup> STALSETT, 2006, p. 358s.

<sup>35</sup> STALSETT, 2006, p. 358.

<sup>36</sup> Conforme Conferência da *Societas Homiletica*, em Wittenberg, 2012.

<sup>37</sup> COMISSÃO Internacional ASETT/EATWOT. Ponto de partida: ruma a uma teologia pluralista, inter-religiosa, laica e planetária... In: VIGIL, José María (Org.). *Por uma teologia planetária*. São Paulo: Paulinas; Asett; Eatwot, 2011. p. 37.

[...] as respostas (para o descuido) vêm sendo formuladas pelo conjunto de pessoas que ensaiam práticas significativas em todas as situações do mundo atual. Portanto, não há um sujeito histórico único. Muitos são os sujeitos destas mudanças. Elas se orientam por um novo sentido de viver e atuar. Por uma nova percepção da realidade e por uma nova experiência do Ser.<sup>38</sup>

– **Uma pregação inculturada e cotidiana:** Inculturação é um conceito comum à liturgia. Entende-se, nesse caso, a inculturação como um processo através do qual a liturgia da igreja se relaciona e interage com a cultura local, permitindo que o Evangelho se encarne na cultura, na vida, na história da comunidade de um tempo e um local. Este é o objetivo imediato da inculturação: permitir que a comunidade tenha um culto que reflita sua cultura e possa, assim, ouvir e vivenciar adequadamente o Evangelho. O que se incultura? O que se incultura, obviamente, é o Evangelho de Jesus Cristo. Em que medida também a pregação tem sido inculturada no contexto latino-americano? O que seria uma pregação inculturada? Certamente uma pregação que nomeia e não nega a realidade de vulnerabilidade deveria ser uma pregação inculturada.

Uma pregação inculturada será uma pregação que considera a vida cotidiana das pessoas, na singeleza e nas lutas do dia a dia. Será uma pregação próxima e que fala para dentro da vida das pessoas.

– **Uma pregação ecumênica e pluralista:** Nós latino-americanos, como todas as especificidades culturais, somos uma cultura mestiça, em todos os sentidos, também no sentido confessional e religioso. José Honório Rodrigues assim define os brasileiros: “Somos uma república mestiça étnica e culturalmente. Não somos europeus nem latino-americanos. Somos tupinizados, africanizados, orientalizados e ocidentalizados. A síntese de tantas antíteses é o produto singular e original que é o Brasil atual”<sup>39</sup>. Somos um conglomerado de vários mundos, vários tempos, etnias e linguagens, que fazem parte do dilema. Pregar vulnerabilidade nesse verdadeiro drama sociocultural (DaMatta) nos convoca a pregar no diálogo não só com a cultura, mas com as distintas e diversas formas de crer e pertencer espiritualmente.

– **Uma pregação cuidadosamente humana:** “Sem cuidado, (o ser humano) deixa de ser humano”<sup>40</sup>, diz Boff. “*Un ser invulnerable sería un ser inhumano*”<sup>41</sup>, diz Stalsett. Pregar vulnerabilidade significa tornar as pessoas mais e mais humanas. Não uma pregação que ensina a cuidar, mas uma pregação que cuida do ser humano e ensina a cuidar, com passos concretos. Para Boff, as ressonâncias do cuidado têm a

---

<sup>38</sup> BOFF, 2003, p. 25.

<sup>39</sup> RODRIGES, José H. apud BOFF, Leonardo. *Depois de 500 anos que Brasil queremos?* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 19.

<sup>40</sup> BOFF, 2003, p. 34

<sup>41</sup> STALSETT, 2003, p. 6.

ver com atitudes simples, conhecidas pelas pessoas, como amor, justiça e bom senso, ternura, carícia, cordialidade e compaixão.<sup>42</sup>

Luiz Carlos Ramos também advoga uma pregação humana para os nossos tempos.<sup>43</sup> Segundo o autor, na práxis homilética das igrejas protestantes históricas dois grandes princípios foram levados em conta: o princípio conteudista, que deu origem ao sermão dogmático, doutrinário e catequético, fundamentado em princípios científicos e com foco na razão; e o princípio formal, que se manifestou por meio da prédica espetacular, imagética-visual-icônica, focado mais na emoção e nos sentidos. Os dois princípios deveriam dialogar, como o princípio humano, que considera a vida do ouvinte de forma integral, permitindo uma prédica que se origine no diálogo, na rede de relação e de vida de pessoas concretas.

– **Uma pregação cuidadosamente ecológica:** Uma pregação que se sensibiliza pela vulnerabilidade será uma pregação que leva muito sério a criação inteira. “Temos que reconstruir a casa humana comum – a Terra – para que nela todos possam caber”<sup>44</sup>, diz Boff. Nessa dimensão ecológica, não apenas as relações humanas são nomeadas, mas também toda a nossa relação com a natureza e a vida. Somos parte de um todo imenso, e não donos do planeta e dos seus recursos naturais. O planeta Terra, assim como a vida, é vulnerável. O uso egoísta que temos feito de seus recursos tornando ainda mais vulnerável. A vulnerabilidade do planeta é a nossa vulnerabilidade. A responsabilidade ecológica, o cuidado com a Grande Casa tem sido negligenciado em nossa pregação, na *Pachamama*, América Latina.

Desse cuidado com a terra vulnerável nasce uma espiritualidade nova, como nos sugere Boff:

Diante do rio Amazonas ficamos totalmente fascinados, fazemos a experiência da majestade. Ao penetrar a floresta, contemplamos sua inigualável biodiversidade e ficamos aterrados diante da imensidão de árvores, de águas, de animais e de vozes de todos os timbres, fazemos a experiência da grandeza. Diante dessa grandeza sentimo-nos um bicho frágil e insignificante irrompendo em nós o temor e o respeito silencioso, fazemos a experiência da limitação e da ameaça<sup>45</sup>.

## Conclusão

Pregar na vulnerabilidade no contexto latino-americano é assumir o desafio do cuidado através da e na pregação. Essa não é uma tarefa fácil. Uma prédica que nasce da vulnerabilidade e se direciona a esta realidade em forma de cuidado é mais do que apenas tratar conteúdos, regras, informações e instruções de como resolver

---

<sup>42</sup> BOFF, 2003, p. 109ss.

<sup>43</sup> RAMOS, Luiz Carlos. A pregação na idade humana: horizontes homiléticos para a igreja do futuro. In: REBLIN, Iuri A.; SINNER, Rudolf von (Orgs.). *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2012. p. 137-146.

<sup>44</sup> BOFF, 2003, p. 27.

<sup>45</sup> BOFF, 2003, p. 150.

as mazelas sociais e os dilemas humanos. É mais do que isso. Significa, em primeiro lugar, reconhecer a limitação da própria prédica como meio de comunicação. Por isso será uma pregação que dialoga intensamente com a realidade da vida, o cotidiano das pessoas, com as culturas locais. Será uma prédica dinâmica que se arrisca a aprender com outras formas de comunicação cristãs, religiosas e culturais. Será uma prédica que não está isolada no púlpito, mas que está intrinsecamente relacionada com o todo do culto: com a liturgia, com os sacramentos, os símbolos, com a música e com os gestos. É uma prédica que passa por todo o corpo, por toda a vida, e não apenas pelos ouvidos e pela razão da pessoa ouvinte. Será uma prédica que leva em consideração a vida toda da comunidade; uma pregação que nasce da vida da comunidade e que se estende para dentro da semana, como Palavra de Deus, viva e presente. Será uma pregação que impacta ecologicamente e politicamente o contexto, não só porque fala a respeito do cuidado, mas porque possibilita um espaço de vivência cuidadosa. Nessa integralidade, pregar vulnerabilidade possibilita uma nova atitude, a atitude do cuidado. Eis o desafio para a Teologia Prática e a Homilética.

## Referências

- BOFF, Leonardo. *Depois de 500 anos que Brasil queremos?* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BUYST, Ione. Teologia e liturgia na perspectiva da América Latina. In: FAVRETO, C.; RAMPON, Ivanir A. (Orgs.). *Eu sou o que sou*. Passo Fundo: Berthier, 2008. p. 38-76.
- COMISSÃO Internacional ASETT/EATWOT. Ponto de partida: ruma a uma teologia pluralista, inter-religiosa, laica e planetária... In: VIGIL, José María (Org.). *Por uma teologia planetária*. São Paulo: Paulinas; Asett; Eatwot, 2011.
- JAGESSAR, Michael N.; BURNS, Stephen. *Christian Worship: Postcolonial Perspectives*. Sheffield; Oakville: Equinox, 2011.
- LUTERO, Martinho. *Os catecismos*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1983.
- RAMOS, Luiz Carlos. A pregação na idade humana: horizontes homiléticos para a igreja do futuro. In: REBLIN, Iuri A.; SINNER, Rudolf von (Orgs.). *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2012. p. 137-146.
- STALSETT, Sturla J. Um outro mundo – presente. Apontamentos sobre religião e poder político. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 357-362.
- \_\_\_\_\_. Vulnerabilidad, dignidad y justicia. In: ENCUESTRO INTERNACIONAL “Las dimensiones éticas del desarrollo”. Belo Horizonte, 2003.
- TEIXEIRA, Faustino L. C. *A gênese das CEBs no Brasil: elementos explicativos*. São Paulo: Paulinas, 1988.